



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/editor: Barbara Bolt e Estelle Barrett	Cód.:
TÍTULO: Carnal Knowledge: Toward a New Materialism through the Arts	Data da ficha: 20 de Abril 2018
Editora: Tauris	
Ano: 2013	
ISBN: 1780762666	
Páginas: 256	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Vários dos ensaios nesta coletânea realçam a agência da matéria no contexto das práticas artísticas e culturais. Os/as autores/as citam o ensaio “Giotto’s Joy”, Julia Kristeva como precedente: aí Kristeva diz-nos que o contacto com a cor é, numa primeira instância, algo físico (a matéria que marca o corpo e o estimula no plano molecular) e só depois uma questão simbólica e cultural. Um dos ensaios atende, por exemplo, à dimensão molecular da pintura, mostrando que a ação da matéria a esse nível é essencial ao processo criativo. O exemplo que nos dá é o de um quadro contemporâneo em que a figura representada aparece acidentalmente com dois umbigos (a pintora deixa que a matéria se manifeste livremente). Outro dos artigos centra-se num grupo de obras fílmicas onde são salientados os efeitos visuais da deterioração da película. Os autores do artigo mostram-nos como o foco nessa materialidade do filme abre portas a novas leituras de algumas das primeiras obras do cinema. Citando Kristeva, os autores dizem-nos que este lado físico do cinema nos mostra a insuficiência do paradigma discursivo que não atende ao modo como o ritmo e as cores afetam o corpo do/a espectador/a. Outro dos ensaios debruça-se sobre a indústria da moda e a forma como esta nega a materialidade do corpo, apresentando-o apenas como uma imagem, um objeto do olhar. O autor explora o trabalho de designers cuja roupa realça a nossa experiência cinestética do corpo.

No capítulo dois (“Metaphors of the Mind”), somos convidados a ver a produção artística como “processo de pensamento”. Ciência e arte devem ser pensadas na sua complementaridade. Danielle Boutet cita o filósofo Gregory Bateson, que se debruça sobre a forma como produzimos conhecimento

sobre o real. É verdade que somos constringidos por uma série de mecanismos que moldam a nossa percepção das coisas, ao ponto de muitas vezes não percebermos bem a diferença entre o nosso mundo interior e o mundo real. Será verdade que toda a experiência é subjectiva e por isso falível, mas, ainda assim, há algo de “sistemático” no modo como falhamos em compreender o real. Isto é, o elemento de imprevisibilidade que é na percepção humana (incluindo em sonhos e visões) deve ser entendido no contexto de um grupo finito de possibilidades. Visto que também nós fazemos parte da natureza, há, segundo, Bateson, uma correspondência estrutural entre a nossa mente e o mundo material. A mente é como um microcosmo do mundo: é também assim que a nossa relação com o real é entendida na poesia, na arte e na alquimia. Sendo assim, conhecer a mente equivale, de certa forma, a conhecer o mundo. O pensamento de Bateson, neste contexto, remonta aos textos de Hermes Trismegisto e ao pensamento mágico do Renascimento. Quando falamos de metáfora, estamos a falar mais de forma do que de conteúdo; estruturas semelhantes. A correspondência que existe entre um trabalho artístico e a mente do autor deve ser entendida ao nível das formas. Formas artísticas são também formas de pensamento. Por exemplo, a fotografia, que implica pôr algo em perspectiva, é uma operação comum da mente. Outros exemplos: a tecelagem e a jardinagem, processos comuns no nosso dia-a-dia, vistos de uma perspectiva metafórica - tecemos relações com outras pessoas e grupos e cultivamos a mente.

1.2. Palavras-chave:

Pintura; Cinema; Moda; Novos Materialismos; Cor; Deterioração; Experiência Cinestética; Sistemas; Metáfora; Alquimia; Magia;

Grupo Transmedialidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Bolt, Barbara e Estelle Barrett (2013), *Carnal Knowledge: Toward a New Materialism through the Arts*. Tauris.